

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo da Sé n. 5 (sobrado)

Endereço telegraphico: LANTERNA

Aparece aos sabbados

# Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

Assinaturas para o Brasil

ANNO . . . . . 10\$000  
SEMESTRE . . . . . 6\$000

Assinaturas para o exterior

ANNO . . . . . 15\$000  
SEMESTRE . . . . . 8\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

## A instrução religiosa

na Hespanha

II

Cumprindo a promessa feita no artigo anterior, peço aos leitores me acompanhem, e depois de subir uma escada escura e íngreme, chamem a uma porta que dá entrada para um vestibulo escuro e sombrio.

Dirigindo a vista para uma porta aberta que comunica com o salão principal da escola, depa-ram-se-nos uns sessenta meninos, que, de joelhos nos bancos de es-crever, dão graças a Deus e lhe pedem ajuda para que «aquillo que vão aprender lhes seja de proveito temporal e eterno».

Esta oração se repete quatro vezes ao dia, ou seja nas horas de entrada e saídas da aula.

Depois desta oração começa a formação de grupos, os quaes são em numero de dez e tirando cada um os seus livros comtando a res-ponder ás perguntas que o alu-mno mais adiantado, sentado no centro, lhes dirige.

Entremos, pois o mestre nos manda chamar, e ei-lo solto a dar-nos as suas explicações com um tom em que se desenha a mais pura franqueza e ao mesmo tempo o sentimento de amor por seus pequenos alumnos.

Deixemo-lo occupado em suas afazeres, e corramos aos grupos, onde uns estudam a cartilha, ou-tros leem e aquelles outros com um livro minúsculo parecem meditar em uma coisa que os com-preendem.

— Que livro é esse, menino? — É o catecismo, responde o interpellado; e acrescenta: Hoje é dia de doutrina e eu não estudei a lição em casa. Demais a lição de história sagrada foi muito grande e complicada.

— Quantas vezes por semana estudam doutrina?

— Três, diz o menino, e além disso temos rosario aos sabbados á tarde e aos domingos missa á qual vamos com o mestre.

Continuemos a visita e olhemos para as paredes cheias de qua-dros e de mappaes rasgados e sujos; além, as taboas e encerra-dos, todos em um estado de aban-dono indescriptivel; o soalho sujo e as paredes imundas; os tin-teiros de chumbo cheios de bolor e a tinta espalhada por toda a parte. Crianças que choram e me-ninos que estão de joelhos com-pletam este quadro a que o aban-dono e o desleixo dão grande realce.

Numa das paredes atrás do es-trado do professor, uma estante coberta de pó e com os vidros todos partidos estenta em seu in-terior pesos e medidas de syste-ma metrico decimal, com asas e argolas quebradas; também ha apparehos de chimica e alguns minerais, mas tudo em um estado de immundicia que mostra o pou-co uso que se faz daquillo.

Voltando, olhemos de soslaio para a mesa do professor: um christo na cruz, um timbre e dois moules de livros — catecismos e historias sagradas — junto com um tinteiro e uma carteira, tal é a mesa, á qual tem por com-panheira uma cadeira digna não de um professor, mas sim dum mu-seu de antiguidades.

Para terminar ajuntemos um quadro do rei da Hespanha, numa parede lateral, e algumas teias de aranha nos cantos.

Tal é o quadro duma escola primaria na Hespanha, escola que tem muitas semelhanças, pois esta está na capital. Que será nas aldeias, onde só o padre manda e aonde nunca chegam os inspec-tores do ensino?

Diante disto quem não ha de lamentar essa nação que consente que os seus professores percam o tempo a ensinar doutrina, emquanto os alumnos carecem de livros, de tinteiros e pennas, e a escola se acha num estado de abandono tal?

Mas isso tudo não importa; o essencial é que os discipulos saibam de cór o catecismo e rezem o rosario aos sabbados e assistam á missa aos domingos em com-panhia do mestre.

Como nem todos os pais são conformes com esta ideia, de mandar as crianças á missa, os frades acharam um meio de con-seguir do governo que obrigue os professores a cumprir um de-ver que vai contra as crenças dos pais.

No fundo, o intuito dos frades não é mau: criar christãos para depois os explorar; foi uma coisa que sempre esteve no seu pro-gramma. Quem é o culpado? O povo.

Se os seus filhos fossem, não á missa com o professor, pois isso compete ás mães — mas sim vi-sitar os museus de pintura, escul-tura e mineralogia e o professor lhes explicasse o significado des-sas obras em que o artista reflete as paginas da historia e a na-tureza, colheriam melhor resulta-do, pois o alumno ao mesmo tem-po se distrahiria num exercicio pedestre, salutar, ouviria com attenção as explicações dadas pelo professor, que pelo menos haviam de ser mais sãs que as do padre no pulpitto, ao qual só sobe para pregar contra nós, que não fa-zemos outro mal senão desmascara-los.

O alumno vendo esses minerais arrancados das entranhas da terra, ficaria sabendo que ha uma legião de miseros obreiros que, expo-ostos á morte, ao frio e ao calor, semi-nus e sem luz nem ar, buscam no seio da terra as riquezas que servem para enriquecer os despotas.

Far-lhe ia lembrar que aquelleseres que tanto soffrem são seme-lhantes, que não commetteram ou-tro crime senão o de serem po-bres.

O alumno vendo os jardins com as suas variedades de plantas, ficaria conhecendo que, além do Atlantico, ha outras nações que progrediram; ha selvas e bosques, donde as principaes plantas e ma-deiras que se consomem no glo-bo são extrahidas.

Emfim, estes passeios semem proveitosos, pois habilitariam alu-mno a conhecer os seus seme-lhantes.

Nada disto pensam os padres, que entendem que o alumno, re-zando e sabendo a doutrina e ou-vindo missa, está habilitado para caminhar pela difficullosa estrada da vida.

Qual é o resultado deste erro? Ei-lo: uma nação fraca e doente; uma nação condemnada á morte pelos seus administradores, porque estes conhecendo o mal de que padece o povo se obsti-nam em não o cortar.

O resultado? A perda de seus dominios, o seu retrocesso, a sua decadencia e a perda do primeiro posto que a esta desgraçada nação cabia na vanguarda do progresso univer-sal. E' o lethargo de seus filhos, le-thargo de que sairá quando o veu negro que se estende sobre a nação hespanhola e cujas pontas estão seguras pelas mãos infames dos jesuitas, haja desaparecido, queimado pelas fogueiras da vin-gança e pelo amor á liberdade.

Para comprehender o odio que mestre nos meus escriptos bas-tará dizer que sou hespanhol, que sei do que seria capaz este povo se tivesse liberdade; que frequen-tei escolas como a que descrevi aqui, e finalmente que tenho via-jado, e tive occasião de ver o que um povo é capaz de fazer, quan-do não encontra obstaculos ao seu desenvolvimento.

M. M.

## Dinheiro predestinado

Sacrilégios gatuños pen-traram com pé irreverente na cathedra de Campinas e desviaram em seu proveito varios valores e o con-teudo de diver-sos cofres, entre os quaes o de Santo Antonio.

Aquillo estava mesmo destina-do a ter mau fim... E' estranho que os santos e deuses se tenham deixado esbul-har, tendo até fornecido ao gatu-ño ou gatuños uma lampada sagrada.

Esperamos que Santo Antonio, descobridor das coisas perdidas ou roubadas, repare agora o des-culdo... com o auxilio da policia...

## O COMETA...



— Diz o sr. vigerio que o mundo vai acabar e que é preciso darmos muitas esmolos para a igreja, afim de nos salvarmos...

## Lanterna magica

Para Lourdes

Assim intitula uma folha ca-tholica o seguinte sueto: «Parte no dia 9 do corrente para Lourdes o nosso amigo e collaborador, sr. Francisco Prado, que vai implorar o restabelecimen-to de sua vista.

Fazemos votos para a felicida-de de sua viagem e para que, do celebre Santuario, volte pro-clamando mais um milagre obti-do por intercessão da Virgem de Lourdes.

Que volte restabelecido, tam-bem nós lhe desejamos sincera-mente, apesar de adversarios; mas á cautela, seria bom que consultasse ao mesmo tempo um oculista celebre...

Dois seguros valem mais do que um...

## Odio do padre...

De Portugal: «Eloquentes respostas ao bispo de Beja: a camara municipal da cidade alentejana que tem como primeira autoridade ecclesiastica d. Sebastião de Vasconcellos elegu, por unanimidade de votos, seu the-soureiro interno o padre Manuel Ançã, que aquelle caritativo pre-lado privou de todos os recursos que lhe advinhavam do ministerio sacerdotal. O mesmo padre, que não pode dizer missa durante dois annos, nem exercer nenhuma das suas ordens, tomou a seu cargo a agencia, em Beja, de uma com-panhia portuense de seguros, ten-do-lhe já prometido muitos la-vradores do concelho segurar a suas searas na referida companhia, para assim coadjuvarem o pres-bytero odiado pelo bispo e que, de outra sorte, não alcançaria os meios de subsistencia».

O odio do padre traz sym-pthias. O povo vai cada vez es-timando mais os que o padre per-segute ou detesta...

## Contra o pensamento livre

De uma carta de Louis Casa-bona, publicada no *Diario Popu-lar* de 5 do corrente: «Os clericales belgas, hostis á França, a qual elles consideram o mais perigoso propagandista do livre pensamento, não se con-tentam com o querer impôr aos seus compatriotas o uso exclusivo de uma lingua que ninguém fala. Se o u de cesejo se realizasse, se os belgas não se servissem senão do flamengo, é certo que as re-lações da Belgica com o resto do mundo soffreriam seriamente.

Sonham tambem em prohibir a entrada na Belgica dos jornaes francezes, sobrecarregando-os com um pesado imposto aduaneiro.

Os belgas não é vacca não pode ser... porco tampouco... Mas então (voltando-se com o quadro do padreiro) és tu, ce-leste costellata...

Do Estado: SURTIVA, 16 — Communicam de S. Mathieu que hoje o padre Simulacha incito os teloneros a aggrederem os redactores do jornal *Vedunhos*, devido a uma pinda inoffensiva áquelle sacerdote.

O padre valen-se do pulpitto para fimen-tar a desordem.

A policia providenciou para o restabe-limento da calma aquella localidade.

E' o gesto mais habitual nos padres, em honra do Evangelio...

Do Estado: ROMA, 9 — Telegrapham de Paola, na provincia de Cozenza, que a historia ca-thedral de fama mundial, por ser o santua-rio de São Francisco de Paola, foi em parte destruída por um incendio.

Numerosos objectos de arte de valor inestimavel e reliquias do santo padreiro foram queimados.

Os prejos são avultadissimos.

Efeitos do cometa...

Fecho alegre Era a festa de S. Lourenço, padroeiro da localidade, e o pa-rocho, já conhecido pelas suas simplicidades, encarregou-se do sermão sobre o santo, cuja im-agem, representando-o a assar-se na grelha, se via em frente do pulpitto.

Para começar, o pregador fin-gu aspirar com força um chairo qualquer.

— Sinto um forte cheiro de carne assada... (*Aspira radiosa-mente*)... Frango não é... vacca não pode ser... porco tampouco... Mas então (voltando-se com o quadro do padreiro) és tu, ce-leste costellata...

diversa, expediu-se um telegram-ma ao bispo, para que tomasse as devidas providencias. Este, por sua vez, telegraphou ao parcho, que nenhum caso fez do telegram-ma. O povo, dirigindo-se então em massa a casa do administra-dor do concelho, pediu a esta autoridade que instasse junto do governador civil para que o pa-rocho cumprisse o seu dever.

Como o teimoso sacerdote a nada se movesse, um magote, composto de mais de 800 popula-res, dirigiu-se a casa delle e obrigou-o a sair e a comparecer na igreja, onde, em vista da exalta-ção dos animos, se resolveu a mandar chamar o coadjutor, para celebrar a cerimonia. Como a multidão, realizado o enlace dos noivos, continuasse a mostrar-se hostil contra o parcho, este fe-chou-se no templo, de onde du-rante muito tempo não pôde sair, guardado á vista pelo povo. Este sacerdote, já respondeu em cinco processos crimies e tem mais dois pendentes.

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria mani-festamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

O interessante deputado que teve esta ideia, um tal Wauwer-mans, obgeu mesmo a apresen-tar um projecto de lei a esse respeito. Bem entendido, teve o cuidado de não pôr em evidencia os verdadeiros motivos da sua proposição, que são o odio ao espirito de progresso e a paixão do obscurantismo.

Contentou-se em fundamentar o seu projecto na necessidade de exercer represalias contra a França, que entendeu dever elevar as suas tarifas sobre certos artigos fornecidos pela Belgica. Mas nin-guém deixou de conhecer o ver-dadeiro fim. Tanto do lado da Belgica, como do da França par-tiram logo protestos indignados.

O ultimo partiu do comité da Associação dos Jornalistas Liberaes da Belgica. O referido comité, vendo que o projecto do sr. Wauwermans constituia uma ver-dadeira declaração de guerra ao pensamento estrangeiro, protestou contra qualquer medida que vi-sasse esse fim e emittiu o voto de ver a esquerda liberal da ca-mara e do senado combater una-nimemente e com a maior en-ergia essa proposta que se reve-ste do mais pleno espirito reac-cionario.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.

O futuro dirá se esses protes-tos bastarão para impedir o at-tentado meditado pelos clericales belgas. Afinal não é mau que esses apóstolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim sa-gem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.



## Da Campinas clerical

Quando a 12 do corrente o sr. Antonio Sarmiento, no Club 24 de Fevereiro, em sessão publica com-memorativa da abolição da escrava-tura, elucidava os assistentes so-bre a historia do Lyceu de Artes e Officios existente no alto do Gua-nabara, fundado com o dinheiro do porro, por subscrição publica a que concorreram todas as classes sociais e todos os credos religiosos; quando esse senhor prolifigava a conducta do sr. D. Nery, bispo de Campinas, que abusado da boa-fé de seus concidadãos entregára aquella instituição popular em seus fun-damentos e que deveria ser popu-lar a seus resultados (portanto fora a sua fundação suggerida pelo numero de orações que a ultima epidemia produziu) aos padres sa-lesianos que estão explorando a ci-dade instituição duma maneira ver-gonhosa, não os movendo sendo in-finitos gananciosos e

## RELIGIÃO E CLERO

(Ao reverendo padre João Ravaoli)

VII

Por em quanto, pois, limitarmos-nos a demonstrar com cabais dados de facto que a ideia de Deus, não só não é *innata*, mas nem sequer existe, entre os povos menos evoluídos que vivem ainda num estado primitivo e selvagem. Entre eles, a única forma de religião que se encontra consiste numa crença nos espíritos bons e maus da natureza, num princípio de aoração ou de desprezo dos elementos do ar, da água, da floresta, do fogo. O Sol que aquece e fecunda a Terra, a Lua e as estrelas que brilham na obscuridade da noite, o rio que fornece peixes, as plantas que proporcionam sabores fructuosos, todos esses elementos da natureza dos quais se pode tirar algum proveito, são os *espíritos bons* que merecem adoração e respeito, ao contrário da tempestade, do raio, do trovão, dos ventos (maus espíritos) que derrubam as árvores da floresta, que incutem o estremeamento e o terror. Tudo o que não se compreende, tudo o que não se explica, tudo o que se teme e não se pode domar, constitui uma força misteriosa ante a qual forçoso é reconhecer a impotência própria e a necessidade de a propiciar com o esconjuro ou a supplica. D'ahi as formas diversas da superstição primitiva, animismo, fetichismo, idolatria, com todas as consequentes cerimônias das invocações aploclatorias, dos sacrificios, etc.

O culto do Sol e das estrelas, a adoração dos objectos, dos animas e das plantas, é a única forma religiosa que existe entre os selvagens. A ideia de Deus, do Diabó, duma força creadora e regedora do mundo, duma vida futura, dum lugar de recompensas e de castigos, é-lhes inteiramente desconhecida. Os negros da Guiné não adoram outros idólos senão arvores, rios, crocodilos e serpentes. Os *indios* do Oregon (America do Norte) não têm noção alguma dum ser supremo, e em vão os missionários catholicos tentaram fazer-lhes comprehender a ideia duma divindade. Os *caloches*, outra tribo norte-americana, adoram um corvo. O tenente inglez Hooper refere que os *tuosos* da raça mongolica, que vivem a nordeste do continente asiático, não têm ideia dum poder divino, dum governo espirital e superior do universo, nem

se sabe se adoram alguma coisa. Os *bugres* e os *coroados* do Brasil não têm religião de especie alguma e não sentem necessidade alguma disso. Os indigenas da Oceania, quando procuram catechiza-los, falando-lhes dum Creador e duma vida futura, põem-se a rir, conforme narra Hasskarl, e vão-se embora. Os *bechuanes* (uma das mais intelligentes tribus da Africa Meridional) ignoram o que seja um ser supremo e na sua lingua não têm uma só palavra que a elle se refira. Quando lhes falava, diz o missionario Maffat, da nossa religião, pareciam ouvir coisas tão fabulosas, ridiculas e insensatas, que lhes parecia impossivel tivessem saído da minha boca». Oppermann afirma que o unico deus dos *cafres* é o chefe da sua tribo. As inoffensivas tribus dos *hotentotes* não têm culto algum. Os *pelles-vermelhas*, afirma Paulo Kane, creem só no Grande Espirito, mas não lhe consagram culto. Narra Randall que os indigenas de Kingsmill (Micronesia meridional) adoravam antes certos espíritos; mas desde que foram dizimados por uma epidemia, deixaram de ter confiança nelles. A unica religião dos selvagens de Nova Granada é um grande amor á liberdade. Só quando rugia a tempestade, acendiam grandes fogueiras e promp-tem em gritos espantosos, como se quisessem oppor estrondo á estrondo e relampago a relampago. As tribus de Passunah Lar-bar (Samatra) não conhecem Deus nem outras superstições religiosas. Segundo Ladislau Mayar, os negros de Ukaniana (Africa meridional) têm um só deus: o seu rei, ao qual sacrificam homens e animas para o tornarem amigo.

Podiamos ainda continuar por um bocado a amontoar citações analogas, mas as que fornecemos são já tão abundantes e de tão incontestavel valor que nos parecem mais do que sufficientes para provar que «a ideia dum Deus innata no cerebro dos povos primitivos» não passa duma das muitas mentiras descaradas da Igreja. O homem primitivo, o selvagem que não teve contacto algum com a civilização, com missionarios catechizadores, etc., não possui outras ideias que não sejam as correspondentes ás impressões recebidas dos objectos e das coisas do mundo exterior.

ORESTE RISTORI.



### Protesto contra os anticlericaes

É uma tendência natural da psiche humana — a de observar as coisas e os seres, pô-los uns ante os outros, compará-los, notar os caracteres que lhes são communs e os que lhes são proprios: das especies, das raças, classes e individuos.

Assim, obedecendo a essa lei, os anticlericaes, vêem-se levados a comparar o inimigo delles — o padre — a todas as coisas, a todos os objectos, a todos os seres que têm um ponto particular, o menor p'nto analogo com esse momento do terror que se pretende aniquilar para sempre. E apenas realta uma vaga semelhança, um pequeno ponto de analogia, num conto superficial entre o padre e o ser com o qual é comparado já, successivamente, conforme a especie do ser que lhe serve de confronto, se chama ao padre porco, burro, urubú, etc.

Nenhuma é tão injusta como a comparação do padre com animaes! E' que, felizmente, não há sobre a terra tera tão infeliz, um animal tão desgraçado que possa ser comparado com esse ser pernicioso e nojento que Ristori definiu: *la bestia più feroce che disonora l'umanità*. Nem com o porco, nem com o burro, nem com o urubú — com os quaes quasi sempre se compara — o padre tem a menor semelhança.

O porco vive na lama, é verdadeira, mas não prejudica ninguém. O trabalho que custa a quem o cria é compensado pelo toucinho, pela carne e pelo presunto que todos sobreamos. O porco não tem nenhuma das pessimas qualidades moraes do padre visto não ter intelligencia. Não commette actos contra a natureza — como os padres — de onanismo e pedastia. Não se intronete na vida publica nem privada, senão para dar-nos costeletas, gordura, alimento.

O padre vive na lama propria. É a lama que elle produz emporcalha e prejudica toda a humanidade. Faz os outros trabalharem para o sustentar, mas o seu toucinho e a sua carne são nojentos,

## Exasperação de um catholico



— Contra essas ideias diabolicas, só a fogueira, a fogueira...

### DEUS

Os broncos mandríns de esqualida batina, sob as ordens feras do papa nauseabundo, exhalando o perfume acerbado da sentina, andam a proparlar, em discursos de fundo,

a existencia de um ser supremo que domina, ente governador dos desejos do mundo, synthese da bondade e que nos esconjurava com infernos cruéis e demus iracundo.

Vós todos paspalhões convictos dessa ideia, vós carolas servis, sem minima indolecia, discordando do filho astuto da Judéa,

do pretenso Rabbi, tão milagroso e triste, altissimo bradai, unidos á sciencia:

— Deus, ó padres senis e parvos, não existe.

RHADAMANTO.

ninguém os come, nem sequer aproveitam aos urubús. Tem intelligencia, que falta ao porco, com a grande differença deste conservar-se casto e aquelle fingir-se, estuprando menores e seduzindo casadas, servindo-se de homens e de meninas para a sua lubricidade, o que não é natural.

E sempre que se mette na vida publica ou privada é para comer, é para arruinar os outros. «Chamar ao padre porco é deshonrar o porco», disse Gigi Damiani, com acerto. O padre não é o porco! Coitado do porco!... O urubú tem a liberdade de passear pelas regiões aereas onde o padre nunca souhou metter o nariz: vai a alturas donde, se a ellas elevassem o padre, este cairia como um ovo podre. O urubú devora todo o detrito que encontra livrando-nos de muitas doenças, e o padre prohibe que se queimem os cadáveres — o que é um mal para a hygiene publica.

Seria como o urubú, se elle tivesse a utilidade de devorar os cadáveres; mas o que elle devora são os seus bens, o que o urubú nunca fez. Por isso não se deve «deshonrar» o urubú applicando o seu nome ao padre. Nem com o burro o padre se parece. O burro trabalha para manter os outros, carrega sobre si o patrão. Ao burro só é semelhante o operariado. Mas o padre não é burro; ensina os outros a se-lo. Assim, não trabalha, vive e vai montando.

O burro tem uma moral muito pura e por isso não tem cousa alguma de commun com esse bicho incomparavel — o padre.

Esses monstros reduzem a humanidade ao maior idiotismo, á maior abjeção moral. Fazem a humanidade ajoelhar diante dum pedaço de barro mal trabalhado, fazem-lhe crer que todos aquellos pedaços de barro mal pintados sejam seus superiores, os quaes têm o poder de curar todas as doenças, dar a felicidade a quem entendem. Não he um espectáculo mais degradante do que ver um ser racional descobrir a cabeça ao pastar diante duma casa

## A conquista clerical de Campinas

II

A instituição do bispado — Como foi formado o seu patrimonio — Uma Camara Municipal modelo — Coisas Ineríveis — O polvo clerical.

A instituição do bispado, em 1907, fez passar sobre Campinas como que um vento de loucura. O terreno estava já magnificamente preparado, e quando o bom povo soube que ia ter a ineffavel ventura de possuir um pastor mirrado da igreja, pareceu disposto a enlouquecer.

Era, porém, necessario formar para o projectado bispado um patrimonio conveniente, porque se Christo andava a pé e S. Paulo fazia a sua propaganda vivendo do officio de tecelão, os pastores, mitados ou não, de Santa Madre Igreja não ouvem dêsse ouvido e querem, além do pão quotidiano citado no padre-nosso, um abundante conducto. Para constituir o patrimonio abriu-se uma subscripção que rendeu cerca de 200 contos. E a este proposito nada haveria que dizer, salvo para lastimar os ingenuos que deram o seu dinheiro para tão pouco util empresa, se na subscripção destinada ao patrimonio episcopal não figurasse tambem a Camara Municipal com uma quota de 70 contos, isto é, mais de um terço da somma total.

Ora é certo que os crentes são liberrimos de ficar até em camisa para revestir sumptuosamente o bispo, se é do seu dinheiro que dispõe; mas tambem é certo que no regimen de separação da Igreja do Estado vigente no Brasil, uma Camara Municipal que dá dinheiro de presente ao ministro dum culto, seja elle qual for, commette um abuso e uma usurpção. Os fundos municipaes são constituídos pelas contribuições de todos os cidadãos, e é absurdo que as taxas pagas pelo athena, pelo positivista, pelo protestante, pelo hebreu, pelo musulmano sirvam, em pequena parte que seja, para fazer uma commodada almofada para as reverendissimas nadegas dum bispo catholico.

Mas a Camara Municipal de Campinas não se affige por tão pouco e em certas ninarharias nem repara: *De minimis non curat prator*. Toda contente por ter o prelado em casa e cheia de catholica fé, a Camara Municipal de Campinas cuida apenas de se pôr ao serviço do bispado, zombando solemnemente da constituição e dos direitos dos cidadãos.

Bastará dizer que illegal e escandalosamente isentou de impostos a habitação episcopal; e que levou a sua intemperancia confessional ao ponto de vedar, com enorme e inqualificavel abuso, a venda de carne e a circulação dos vehiculos durante os quatro ultimos dias que precedem a pascoa, com excepção somente para a carruagem episcopal, a unica que podia rodar, enquanto estavam parados bondes, carros publicos e particulares, carroças e até os carrinhos da hortaliça e do leite!

Doce terra! Por este andar, ainda poderemos ver — em república leiga, sendo constitucional a separação entre a Igreja e o Estado — o que se via na Italia sob os extinctos governos austriacos e papalinos: á hora da missa, a policia intimará os cidadãos que encontrar pela rua a ir: *para casa ou para a igreja*.

Não se pense que isto está muito longe. Já agora succede que, se um cidadão entre na igreja e — mantendo embra uma attitudde correcta — não quer curvar-se a todas as genuflexões e ás outras p'haçadas do rito catholico, os padres reclamam e obtêm a intervenção de força publica para o obrigar a isso.

Parecem coisas incríveis, mas são verdadeiras e acontecem, não no sertão, mas ás portas de S. Paulo, numa cidade das mais importantes do Estado.

Tudo isto prova que o polvo clerical é terrivelmente invasor e está sempre disposto a reabsorver com os seus mil tentáculos e as suas cem mil ventozas todas as conquistas da civilização, mal se tolere a sua presença.

Campinas é hoje monopolizada pelos padres! Em Campinas respira-se ar de sacristia! Tudo é servo do bispado, naquella cidade: poderes publicos, imprensa, escolas e associações, institutos de beneficencia. Resta unicamente proclamar o bispo, o qual já se firma — oh! humidade catholica! — *conde do sacro imperio romano*, tambem senhor feudal de Campinas, para fazer a coisa mais completa.

### Em Araraquara



O proprietario do balcão mais rendoso de Araraquara...



### 2.º CONCURSO DA LANTERNA

Os leitores da *Lanterna* entram em grande numero no nosso primeiro concurso, respondendo á pergunta: *Para que serve o padre?*

Esperamos que recebam com o mesmo entusiasmo o segundo concurso, que hoje abrimos, começando a publicar desde o numero 31, de 14 de maio, as respostas que nos forem enviadas até áquelle data — sendo acceitas tambem as que nos vierem dos Estados não vizinhos, se a data da remessa for anterior a junho.

Trata-se de dar uma resposta laconica e acertada á seguinte pergunta:

Como se se parece o padre?

Os nossos leitores deverão procurar, no mundo real ou imaginario, na natureza viva ou inanimada, nas creações da poesia e da fabula, no dominio das abstrações, onde quizerem, em summa, um objecto, um ser, um bicho, um ente fantastico, seja o que for, que se parça com o padre, e dar em breves palavras as razoes da semelhança.

Trata-se de buscar uma imagem, uma analogia, um termo de comparação justo e bem achado, sem exclusão, porém, dos confrontos já conhecidos, desde que sejam formulados nas condições aqui estabelecidas.

E dessas condições, a principal é a brevidade. Nenhuma resposta será publicada, se exceder das linhas das nossas columnas.

Terminada a publicação das respostas, serão ellas entregues

### Aos assignantes

Estamos procedendo á cobrança desta capital.

Contamos com a coadjuvacão de nossos assignantes que assim favorecerão a imprensa liberal, a unica em condições de combater a intolerancia religiosa e o fanatismo deletorio e dissolvente.

Pedimos aos nossos assignantes o favor de, caso estejam ausentes de casa habitualmente, darem a uma pessoa da familia ordem de pagamento quando se apresentar o nosso cobrador, evitando-nos assim grande perda de tempo.

LUCAS MASCOLO.



JOSE MARTINS (7)

## AS IMPIEDADES DOS PIOS

## As piedades dos Impios

## Definição das palavras "Pio" e "Impio"

## O DECALOGO

## III

catholica, por bocca de seus comparsas, os Jesuitas (1). Quem amaldiçoava actualmente os livres pensadores, a razão e a liberdade? A Igreja catholica, essa prostituta sem vergonha, redução de todos os assassinos e ladrões, cujos crimes perdão a troco dum punhado de ouro!

O christianismo ainda esperava pelo edito de Constantino (311), que o havia de tornar aliado do imperio na exploração dos povos, e já celebrava concilio, nos quaes ficavam determinadas a guerra e a

(1) Anônimo. "Maximas immoralidades dos Jesuitas"; Ignácio de Loyola, "Los Jesuitas"; Cantú, Hist. Univ., vol. XVII, pag. 362; e M. Lachatre Hist. des Papes, tome III, pag. 396 e 398.

perseguição a todos os povos que não fossem catholicos.

Dentre estes, merece especial menção o Judeu, por ter sido o mais cruelmente perseguido pelos assassinos catholicos.

Um concilio celebrado em Illiber (Hespanha, annos 300-301) prohibiu a toda e qualquer pessoa, padre ou fiel, que tivesse relações algumas com Judeus, sob pena de excommunição.

Em 620, Sisebuto, rei de Hespanha, ordena, por um decreto, que todos os israelitas domiciliados no reino abraçassem a religião catholica, sob pena de expulsão, em caso contrario.

Muitos recusam fazer-se christãos e fere a sua atrocidade supplicios; arrancam-lhes os cabellos da cabeça, enforcam-nos vivos, agitam-nos publicamente e confiscam-lhes os bens.

Os padres do 6.º concilio de Toledo (633), decidiram, entre outras coisas, que os filhos dos Judeus deviam ser arrancados aos pais para serem educados na religião catholica.

Outro concilio (637) declarou que a nenhum rei se lhe daria possessão do throno sem que antes jurasse solemnemente não favorecer os Judeus nem permitir a

pessoa alguma, que não fosse christão, viver livremente no reino.

Tudo isso, porém, não era nada comparado com as terríveis humilhações que esperavam os Judeus.

Quando correu voz na Europa (principio do seculo XI) que o Sepulchro de Christo, em Jerusalem, tinha sido destruido, os "piedosos" christãos de toda a Europa indignaram-se profundamente contra tal sacrilegio, e na falta de outros, accusaram os Judeus como os principais instigadores dessa profanação.

Convenim notar que os Judeus eram immensamente ricos; e isso foi o que excitou o "piedoso" zelo dos christãos, que logo se deram pressa em perseguir, assassinar, em massa, saquear-lhes as casas e entregá-las em seguida ao incendio.

"Só na França, diz um historiadore, os assassinos passaram de 100 mil.

Durante toda a idade-media — continua o mesmo autor —, aquellos christãos fanaticos e ignorantes, que só sabiam ser frades ou soldados, quando não as duas coisas ao mesmo tempo, não fizeram outra coisa mais do que expulsar e chamar alternativamente os Judeus, fazerem-lhes pagar por alto preço até o

proprio ar que respiravam." (1) Em Tolosa, no seculo XI, o clero atirava o fustismo da plebe contra os Judeus, induzindo a matança; a pilhagem e ao roubo, parte do qual usufruía.

Entre as humilhações por que os faziam passar, conta-se a de postar um em cada porta de Igreja, no domingo de Pascoa, para que todo o catholico que entrasse desse uma bofetada.

A ser isto verdade, como o affirmam Cantú e outros historiadore de universal autoridade, que qualificativo merecia o infamissimo procedimento dos catholicos? Em quanto isso acontecia na França, na Hespanha não eram mais bem tratados pelos "piedosos" catholicos. Assim, em Toledo (agosto de 1108), os christãos levantaram-se em massa contra os israelitas, invadiram-lhes as casas e começa o morticoio acompanhado do saque; os catholicos não respeitavam sexo nem idade: homens, mulheres e crianças, ainda mamando, todos, caem sob o punhal homicida; dos "piedosos" filhos de Deus; as violências das mulheres cisaladas e os estupro das donzellas, unidos

(1) A. T. de Castiella, "Hist. de las Persecuciones Religiosas", tomo I, liv. II, pag. 135-136. Barcelona, 1863.

a outros numerosos estupro de crianças dos dois sexos, fazem um horrivel cortejo ao incendio!

Oh! singular piedade, a dos catholicos, que bem os distingue e ainda melhor os honra! "Os israelitas" que podiam fugir aquellas sangrentas scenas — continua o historiadore Castiella — tentaram desarmar o zelo dos catholicos, dando-lhes dinheiro; mas estes, com uma das mãos recebiam o ouro e com a outra enfiavam as punhalas com que deviam assassina-los." (1)

Os assisios da Bretanha, de 12-19, diz Cantú (Hist. Univ., tomo IX, pag. 203), não admitiam procedimento contra o matador de um Judeu. Isto quer dizer simplesmente que a população podia matar e roubar Judeus sem que nada lhe acontecesse.

Os reis, tambem pactuaram com a escuria catholica contra os Judeus. Philippe Augusto expulsou do territorio francez e apoderou-se de todas as suas riquezas (1202); Philippe o Belo, o rei falsario, procede de igual modo (1311); Philippe V segue-lhe o exemplo; e a canalha catholica renova as scenas de Toledo (1348-1350).

João sem Terra, não podendo

arrancar-lhes dinheiro pela força, desterra-os da Inglaterra (1210); e Eduardo I persegue-os em massa e em massa manda os enforcar (1290). Fernando V decreta a sua expulsão do territorio hespanhol (1492) e confisca-lhes os bens, de reparte com o papa Sixto IV e o sagrario de Torquemada.

A "piedade" dos catholicos naquelles tempos de fi era igual em todos os paizes; por isso que os Judeus foram igualmente tratados em toda a parte onde havia catholicos "piedosos".

Na Allemanha, durante o anno de 1349, os frades penitentes, acompanhados da plebe, enforcam 12 mil israelitas; alora os que ficaram vivos: na Polonia, são trucidados aos milhares (1406); na Bohemia, são exterminados em massa e expulsos (1440); em Portugal, são assassinados 2 mil em dois dias (1506); e na Austria-Hungria, os "piedosos" catholicos já não se contentam com matar e roubar los — comem-nos!!! (1)

(1) Obr. cit., pag. 151.

N. da R. — No ultimo numero as duas ultimas columnas saíram no lugar da 2.ª e 3.ª e estas no lugar daquellas.

um jury competente e imparcial, que escolhesse as três melhores, as quaes terão direito a premio.

E agora venham as respostas e não esqueçam os nossos amigos a nossa recommendação de lacinismo!

## 3 premios

O primeiro premio é constituído pelo excellente livro de Thomas da Fonseca — SERMÕES DA MONTANHA, que, além duma novidade de litteraria, é uma das melhores obras de vulgarização e propaganda popular do livre pensamento que conhecemos em lingua portuguesa.

Numa linguagem simples e ao mesmo tempo eloquente, o autor, já bem conhecido nas letras e na propaganda, sobretudo pelo seu livro *Evangelho dum seminarista*, explica a ingenuos montanhesees que se reúnem para o escutar, um mundo de ideias emancipadoras.

O primeiro premio também direito a uma assignatura semestral gratuita da *Lanterna*, a enviar a pessoa que elle nos designar.

O segundo premio é constituído por livros ou opusculos no valor de 35000, a escolher na *Bibliotheca d'A Lanterna*, que publicamos na quarta pagina.

O terceiro, finalmente, consistirá em 20 cartões postais illustrados anticlericaes.

Em vista do que alguns amigos nossos, nos representaram quanto á demora do correio, aceitamos ainda respostas até ao fim deste mez, vindas do interior ou dos Estados circumvizinhos, o até 1 julho, vindas dos outros Estados.

Continuamos a publicação das quaes já chegam.

## Com que se parece o padre?

— Com um palhao de circo, quando diz missa; com um comico, quando no pulpito; com o corvo, quando passava; com o rato, no seu modo de vida; com a raposa, na astucia; com Alfonso XIII, na perversidade e covardia; com o cavalo, nas aspirações; com Nero, para com seus filhos; com um canco phagendico, na sua propaganda corrosiva. Em suma, com uma ulcera, a que se deve applicar o bisturi do livre pensamento. — *Yenacio José Guedes*.

— Com o jumento, com uma diferença: este traz a albarda sobre o lombo e o outro a traz no peito. — *V. Anselmi*.

— Com um boneco do borceste, por mais que se comprime e avaria, não retoma a sua posição. O padre, fardado de desmascado, conserva o seu alvar da inconsciencia; a sua qualidade inalienavel é a elasticidade. — *G. Almeida*.

— Com a vibora: as suas mordidas não têm cura — *Bueno Hidalgo*.

— Com o reptil venenoso, que com a peçoza mata a victima. Valendo-se do confessorio, envenena e esgaroepe o cerebro humano. — *Manuel Hererra*.

— Com o abutre, na vontade insaciavel; com o reptil mais noivo da natureza; com um comico indisciplinado; com um ser desprezível e ascoroso. — *Umberto Menegatti*.

— Com o chupim, o conhecido passaro negro, desvergonhado vagabundo, que corre atrás do tio-tio para que este lhe encha o papo. — *J. Hernández*.

— Com o gafanhoto: este, em bandos, destrói a lavoura, unico braço direito e o principal ganha-pão do pobre. O padre com a mesma facilidade se propaga e devasta as searas do progresso. — *J. M. Bueno Sobrinho*.

— O padre se parece com um lobo. Deusa que nadam dentro d'agua seja. O diabo o fez dum p. de coruja. E o virabasta o descobriu no lixo.

Tem instinctos perversos de raposa: Como os piratas se dedica ao roubo; Mas é mais parecido com o lobo, Pela voracidade fabulosa.

E é mais como o chacal, feroz harpia. Degradação de quem nelle se fia!... — *Antonio Pastorelli*.

— Com a moça, que esvoança por toda a parte onde haja um chairo. — *F. G.*

— Com a sarna: onde ella entra, todos são contagiados. — *Angelo Lopes*.

— Com o seu auxilio, o sacerdote: este apaga a luz dos olhos, aquelle a luz do progresso e da verdade. — *G. B.*

— Com a serpente do Eden: neste se aedeu. — *Eva*.

— Com o diabo. Não sendo este tão feio, tiramos-lhe os chifres e a cauda e applicamos-lhe a sotaina, a touca — eis o padre. Se Deus fez o homem a sua imagem real, o diabo fez o padre a sua copia fiel.

E o frade, de cordões e capuz pyramidal na cabeça, inda se parece com o diabo, oferecendo ao Senhor um corvo de salvação, no deserto. — *Alonso da Bahia*.

## POLEMICA

O nosso collaborador sr. José Martins envia-nos, para ser publicada, a seguinte carta por elle recebida:

Amigo e senhor. Recbi *A Lanterna* n. 27 e nella vi a carta que v. me dirige. Para ser-lhe franco, estava pensando não continuar a ter mais longa correspondencia com v.; contudo, não para ficar o vosso inimigo, mas somente no pensamento de julgar que não tivesseis beneficio mutuo. Todavia em obediencia a mais um impulso de espirito, escrevo ainda a presente.

Não ignoro, meu caro amigo, os horrores que a pobre humanidade tem commettido desde que temos conhecimento della, e estou certissimo que, por muito feio que v. pinte a historia dessa humanidade, não a poderá pintar mais feio do que a propria Biblia pinta.

Eis o que diz a Biblia. "Pois que? como nós mais excellentes? de maneira nenhuma, pois já dantes demonstrámos que, tanto judeus como gregos, todos estão debaixo do peccado: Como está escripto: Não ha justo, nem ainda um: Não ha ninguém que entenda. Não ha ninguém que busque a Deus: Todos se extraviaram, e juntamente e factos inúteis. Não ha quem faça o bem, não ha nem um só: — *João Millan*.

será vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos: SALO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140. NA LAPA — Salto Internacional. VENTURA SIERRA, rua Conselheiro Raimão, 105.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

A sua garganta é um sepulchro aberto: com as suas linguas tratam enganosamente: pegonha de aspidos está debaixo de seus labios: cuja bocca está cheia de maldição e amargura: Os seus pés são ligeiros para derramar sangue: Em seu caminho ha destruição e miséria: E não conheceram o caminho da paz: Não ha temor de Deus diante de seus olhos." Romanos 3, v. 9 a 18.

Aqui está o retrato de todo homem.

Quem fez este retrato? E este retrato que a Biblia apresenta do homem não é sómente o que elle tem sido até aqui mas tambem o que será, até que Deus levante a maldição que peza sobre este mundo, por causa da desobediencia, ou noutras palavras: até que sejam feitos novos ceos e nova terra, onde o mal não entrará.

Criço que já tenho dito muito, deixando de notar que o não crê em Deus nem a Biblia, por que não lhe podem provar a existencia delle, ou que Elle creasse tudo. Pois bem.

Ainda que v. não aceite outra coisa, deverá aceitar o que está bem estabelecido mesmo no materialismo, isto é, que não ha effeito sem causa; logo se ha materia é porque alguma a fez, e este alguma é o que reconhecemos por Deus, ou poder creador, não é uma coisa morta, mas um Ser vivo e a sua causa se explica nestas duas palavras: no principio Deus.

Meu caro amigo: fico do lado de Deus, e de modo algum receio a corrente materialista. Deus é para mim Senhor e Beneficente, embora seja para v. um espantinho!!! Pois fique certo o amigo, que talvez antes de 50 annos teremos chegado a ver a realidade do que cada um espera.

JOÃO MILLAN.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

## A CONGRUA

A proposito da separação da igreja do Estado, contaram-me uma anedocta que, se não é vera é ben trocada.

Logo depois do promulgado o famoso decreto de janeiro de 1890, o marechal Deodoro foi procurado no Itamaraty por um respeitavel sacerdote, que exercia altas funções ecclesiasticas e era seu amigo de velha data.

— Que foi isso, marechal? Então separaram a igreja do Estado?

— Assim foi preciso. Essa medida impunha-se ao governo provisório.

— Mas, diga-me cá, e a congrua?

— A congrua?

— Sim, o governo conserva a congrua?

Deodoro olhou vagarosamente para o seu interlocutor e respondeu sem convicção:

— Conserva.

— Conserva?

— Então, não havia de conservar? Conserva, sim senhor.

— Bom.

O padre demorou ainda meia hora na palestra, e por fim despediu-se.

No momento em que ia sair Deodoro deteve-o, dizendo-lhe:

— Oh! padre... Não repare na minha pergunta, mas que coisa é congrua?

— Ora essa... congrua é... (E o sacerdote estregou o polegar no index).

— Ah! é o soldo? Não conserva, não senhor. Julguei que congrua fosse outra coisa.

ARTHUR AZEVEDO.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.



## EMULSAO DE SCOTT

O graciosio menino, cujo retrato adorna esta columna conta agora com 3 annos de idade, apresenta no seu rosto a alegria que hoje experimenta, e a gratidão de que está possuido para com a Emulsão de Scott, á qual deve a reconquista da sua saude, no seu semblante demonstra a melhor expressão.

Vejam o que dizem o Sr. Joaquim Pazo, digno gerente do Hotel Guandara, pae do menino Rodolfo Pazo, e o distincto chimico Dr. Alfredo Freitas de Sá que a elle assistiu com feliz resultado: "Vindo da Europa na idade de 18 mezes, o menino Rodolfo apañou durante a travessia um forte resfriamento que lhe occasionou mais tarde serios embaraços nos orgaos respiratorios. Submettido ao tratamento de sumidades medicas e tendo tambem empregado diversos especificos apreçados para esses soffrimentos, sem resultado algum, os paes resolveram entregá-lo aos cuidados do Dr. Alfredo Freitas de Sá, que não tardou em conhecer que o menino estava soffrendo de bronchite capillar, achando-o em um estado de extrema debilidade, decidiu receitar a Emulsão de Scott, o verdadeiro Especifico sem rival contra estas molestias, e foi tão feliz o resultado que depois de ter tomado 6 vidros d'esta emulsão preparado, ficou perfeitamente restabelecido e goza da mais perfeita saude."

Confirmo a declaração supra. JOAQUIM PAZO.

RIO DE JANEIRO. DR. ALFREDO FREITAS DE SÁ.

Cada frasco da Emulsão de Oleo de Fígado de Bacalhau que tiver um que comprar deve procurar que leve a marca que mostra este desenho, pois esta marca significa o mesmo que a marca da lei que se encontra nas joias de prata ou ouro.

Emulsões que não levam esta marca são o mesmo que uma prenda falsa, dourada ou nickelada, feita de materias baratas.

A' venda nas Pharmacias e Drograrias, SCOTT & BOWNE, Chimicos, Nova York

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.

AGENCIA DE JORNAL DO sr. Antonio Sotelo, rua 15 de Novembro, 37. ARMAZEN DE SECOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24. Salto de Babel, Avenida Rangel Pestana, 297.</

## FOLHETIM (30)

Avelino Foscato

## O JUBILEU

I

quando em vez uma nota sobre a obra de arte; mas sentiam não ser aquelle o assumpto maximo preoccupando-os. Ambos tinham necessidade de desalago e foi o Chagas quem rompeu o silencio.

— Não devemos consumir os poucos dias que nos restam em phrases banais; os instantes de solidão são raros nesta Babel imensa; preciso confessar que te amo, Carmen.

— Que diz?

— Admiras-te do tratamento, não é verdade? Para que fingir? Estes sentimentos intimos, uma como alma da existencia, se exprimem francamente ao olhar, no gesto, em tudo e já se haviam revelado independentes de palavras. Estes momentos são preciosos, deixemos, portanto, as maneiras hypocritas: queres ser minha, Carmen?

— De bom grado: pede-me ao papá.

— Não o posso fazer! — respon-

deu o Chagas com um vinco de melancolia na fronte.

— Porque?

— Sou... casado! — respondeu. — Que dizes? — interrogou Carmen com um misto de indignação e pavor.

— A verdade. Poderia mentir, talvez, para prolongar estes instantes de felicidade, bem rapidos sem duvida, para que? Tarde ou cedo viria a saber-lo e a lealdade é o meu guia através da vida. Não vivendo em companhia da mulher a que o destino me ligou, não pude tutar-me ao desejo de te propor uma coisa scandalosa perante os nossos costumes: — Ser minha amante!

— Oh! mas é absurdo!

— Porque? O desejo mutuo de nos unirmos não supre por ventura qualquer forma religiosa ou civil?

— Para nós talvez: mas a sociedade?

— Então faz-se o holocausto da propria felicidade no altar das convenções humanas? Não é maior? Não é livre? Que a detem, então?

— O conhecimento da vida, a noção bem nitida da existencia levada pelos seres transviados das leis sciencias. Se fosse só ao mundo. Tenho meu velho papá, sou o seu unico affecto, em mim se encon-

tram as suas esperanças e o golpe de loucura que me aconselha, razoavel, quão, em face da razão pura, de vez que os amamos, se ria fatalmente para elle. Seguir-se-ia romper com a amizade paterna, é macular com uma ingratitude o tributo do amor que lhe devo.

— Quem ama verdadeiramente não raciocina deste modo.

— Assim será para a ingenua que entra ignorante no mundo, julgando de rosas somente o futuro que o amor lhe traça, sem calcular as urzus do caminho; mas para mim que conheço bem o trauma da existencia, seria um crime pensar por outra forma.

— Pois bem! se fosse a teu velho pai e lhe fizesse ver o obstaculo se antepozi á nossa união e se em vez de amante, já que te repugna a palavra, lhe dissesse que querias ser minha mulher perante elle, cederia, quão, ao nosso almejo.

— Jamais! Espirito adiantado embora, não tem a sobrançeria para romper com preconceitos que o mundo estatui. Que quer? a vida é isto. Vimos de pontos oppostos, nos encontramos na estrada, abraçamos-nos e seguimos ambos o mesmo caminho. Não sei se ainda e talvez a sorte não sorria então e seguiremos de bra-

ços dados através da existencia. Não me negas a turvação infiltrada em minha alma porque, sofrendo embora, sei que ha um torçao irmao do meu padecendo também. Vamos! um abraço de despedida, não é um adeus, e prognosmas na mesma linha trilhada. Elles se lançaram, então, ali, em face do Christo que perdoara a Magdalena por haver amado muito; o Chagas osculou a mesma labios sem de seu peito partisse um protesto e, com uma noite mais negra do que a que se tecia lá fora, com um novo abismo no coração, saíram ao encontro de Laura — a mulher feliz, quão, porque não tinha preconceitos a lhe obstacularem a estrada do gozo.

XI

O bacharel continuava perseguido pelo azar na jogatina a que se entregara. Após a decepção dolorosa a seu orgulho com a recusa formal de Carmen ás suas propostas, o Sena se despenhou no jogo esperando aquelle vicio, infiltrado no organismo, matar o primeiro amor resurgindo vivaz das cinzas de outras paixões á presença subita do idolo de antanho. Fora ainda infeliz na banca. Volveu ao

hotel em busca de dinheiro; revolveu tudo, na ausencia de Laura e depauro, para mais lhe infarnar a existencia, nem bolso do paletot della um bilhete assignado por um desconhecido, um amante de acaso, pedindo uma e trevisita amorosa para aquella noite.

Fora bofetada em pleno rosto, um golpe agudo no coração. Era feroz o destino! Tudo lhe roubara: até o amor daquella esposa depauro na estrada da fortuna e quasi olvidada já, mas a quem se sentia preso pelo orgulho do posse que não abdicaria jamais.

Castellou mil vinganças; apalpou as vestes em busca do revolver e encontrou, então, as chaves da canastra no bolso. O seu pensamento tombou do cume assassino á paixão predominante nelle

— o jogo. Com esperança traduzida no semblante em alegria, contrastando bem com o rancor de ainda ha pouco, abriu uma das canastras. Com gesto recioso e afadado do gatuno, revolveu os recantos do moel, estouvadamente, até deparar com o dinheiro. Tirou-o todo, levou mesmo consigo uma medallha de brilhantes de Laura e saiu ás pressas esquecida quasi do criminoso bilhete, preoccupado pela ambição desmesurada de riqueza que o arremessara sempre em bus-

ca de boas cartadas e crente agora que iria arrebanhar a banca lá em baixo, na teia aberta a todos os vicios.

Penetrou do novo no formigueiro immenso da multidão anonyma embucando no manto hypocrita da fé a sanie do crime. Deslousou-se, fêr, indifferente, por entre as cortezas interceptando-lhe a passagem com gestos convidativos de deboche e abeirou-se da tavola onde se lhe esgotaram á tarde os ultimos recursos.

Ali se espectacular a nudez de uma meretriz e vira, também, o asombro inesperado do Chagas. Dirigi-se para o recinto quando um «cabreiro» o chamou:

— Olhe cá, seu doutor, um negociozinho em segredo, entre nós. — Que é?

— Uma sortes que tenho aqui preparadas: don-lhe'a por uma paga de viate e mais uma lambujinha se ficar bastante cheta.

O Sena avincou o senho num gesto de rancor e orgulho ofendido.

— Não tem razão de se alterar; shi todos fazem disto: é melhor ser gato do que rato.

— Tem razão, talvez! E porque não se aproveita da palatosa?

— Estou numa «disga» dos tre-

(Continúa)



"A Lanterna" em S. Roque

Um padre, que um dia destes pregava no pulpito da igreja de S. Roque, disse aos basbaques que ali se achavam que, em Mayrink, foi realizada uma festa em beneficio da Escola Moderna, perigosa obra do Demônio, em consequencia do que acabaria o mundo na dia 18 do corrente, por occasião da passagem do cometa Halley.

Diz-se elle depois que na 23 de junho o bispo chegará áquella localidade, a fim de ministrar o sacratissimo chrismo, etc., acompanhados, já se sabe, dos competentes 25 por cabeça...

Esta é de bom tamanho! O fim do mundo para o dia 18 e a vinda do bispo para 23 de junho!... Que refinadissimo farcante!

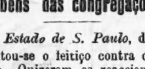
Silvo o caso que se escapassem do catadismo os bons padres, que ficariam explorando-se mutuamente ou alimentando-se com os corpos uns dos outros, porque não ficaria quem trabalhasse para elles, e trabalhar é coisa que os castos e puros ministros do Senhor não que-rem fazer.

A Escola Moderna dá que pensar aos honrados de cara rapada e de zero no alto da synagoga... Elles temem na porque ella se baseia sobre a razão e a logica, ensina-se sobre as leis da natureza, arranca os cerebros trageis do embrutecimento, em quanto elles, os mensageiros do mal procuram manter o povo no ignorancia, embrutecendo-o pelo terror de um inferno imaginario, dizendo, como bons discipulos de Christo: «renham a nós os vossos cobres, que o cou vos pertence, caso contrario as chamamos eternas».

E' agora a Escola Moderna o seu grande fantasma, mas, é mais acertado que a deixem seguir o seu rumo; a E. M. não lhes deve nada, nada lhes pediu, e, contra toda a sua furia, hade ser fundada, custe o custar. Nós todos, os sinceros amantes da verdade, havemos de lhe prestar todo o nosso apoio. Poleis, pois, malizier, ecomungar, etc., que não nos encomenda!

Mayrink 4, ma o, 910.

FIRMINO A. DA CUNHA.



Os bens das congregações

Do Estado de S. Paulo, de 5. Voltou-se o leitoço contra o feiticiero. Quizeram os reaccionarios explorar contra a república o escandalo da liquidação dos bens das congregações. Os liquidatarios, que praticaram «escroquerias», e fizeram trapacas, procederiam, de accordo com o governo! Portanto, o governo da Republica era uma quadrilha.

Quiz, porém, o diabo que tudo se descobrisse e, assim, apura-se que as liquidações se faziam por baixo preço, e muitas vezes sem concorrencia, porque os liquidatarios estavam entendidos com... os congregantistas!

As folhas clericas que a principio gritavam contra a Republica, e do escandalo queiram fazer uma arma eleitoral, começaram a afrouxar na campanha. E' que as setas se voltaram em grehas, e o que servira de pretexto para combater a Republica passou a ser, nas mãos dos republicanos, uma arma fatal contra os reaccionarios. Os bens das congregações eram vendidos por baixo preço aos amigos... e esses amigos eram os proprios congregantistas.

Em essa da amante de um dos liquidatarios, mme. Gauthier, rue Antoine Chatin, 10, foram encontradas formulas de contratos, para a fundação de uma empresa intitulada «União Predial de França», para explorar os bens das congregações, de accordo com elles proprios.

No artigo quarto do contrato diz-se que alguns dos estabelecimentos adquiridos seriam transformados em casas de saude, de convalescencia ou de repouso, com o fim de nellas serem empregados os antigos religiosos ou religiosas, sempre que fosse possivel faze-lo, legal ou praticamente.

As coisas ficavam arranjadas, segundo o artigo terceiro do contrato, de maneira que cada membro da «União Predial» tivesse «a faculdade de se interessar pelo negocio auto do publico, em condições nitidamente determinadas, com um objectivo preciso, e depois de um estudo profundo feito pelo «comité».

## Bilhetes e pinchos

Campanhas — Pinchos: Ainda perguntas? Tomamos nota do endereo. O Neno e os seus estojo bono. Tolos cá de capella te enviam as suas bençãos sagradas... J. B. Braga: Recebemos o que nos enviou. Agradecemos e esperamos o que nos promette.

Nithery — F. Dias: Recebemos o vale. Vamos mandar o Chibito. Seguiram os recibos. Transmittimos o recado á Terra. E' bono nos communicarem se não foram attendidas algumas das tuas ordens. Saude!

Ititings — S. Z. Bartolomeu: Agradecemos a lista. Na nossa typographia infelizmente não é possivel. No proximo numero nos occuparemos do caso. Vamos enviar o seullivo. Saudações.

Cordeiro — J. Hernandez: Enviamos a lista e os jornais. Saudações. Rio — M. Domingues: Recebemos o artigo, que será publicado. Vamos enviar o premio. Saude! A. Frederico: Recebemos os versos. Foram os juiz competente, que dará a sua sentença. Manuel: Mandaremos o C. Chibito. Tomamos nota das alterações. O jornal é remetido pontualmente.

Atibá — S. J. Trataromos do assumpto no proximo numero. Os jornais serão enviados. Saudações. Taquaratinga — Lucindo Barroso: Chegou em 13-3-910 e termina em 13-3-910. Saudações.

Porto Alegre — Agenor Menezes: Agradecemos os jornais. Saudações. Franca — Manuel Pereira: Não recebemos a carta do que nos falou.

## "A Lanterna" em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem deseja assignar a Lanterna, dirija-se a Pythagoras, L. deia, 60.

## Os nossos representantes

São nossos agentes, fóra desta cidade, os seguintes amigos:

Ribeirão Preto, sr. José Salles, rua Amador Bueno n. 41.

Franca, sr. Innocencio Selles.

Santos, sr. Luis Bozzi, rua Martin Affonso, 16.

Rio de Janeiro, sr. Manuel Moacoso, Rio Leneroth, rua Hospicio, 166.

Nithery, Francisco Dias Filho, Padaria Flor do Barro.

S. Roque, sr. Creolo Negrelli.

Delirado e lugares circunvizinhos, sr. Pedro Serri Rossi.

Porto Alegre, sr. Polydoro Santos, rua Conceição, 22.

Vila Americana e Ribeiras, sr. Lucio Sandova.

S. Vicente, sr. Miguel Barcala.

Rio de Janeiro, sr. Francisco de Almeida Ramalho.

Atibaia, dr. Olympio Paizão.

Jardopolis, sr. João Zucchi.

Salto de Itá, sr. Scipione Del Moro.

Araraquara, sr. Ferdinando Scalmaudre.

Jundiahy, sr. Antonio Martinelli, rua Cel. Moraes, 2.

S. José Martinho.

Uberaba, sr. Cirio Palmeiroton.

## EM JARDINOPOLIS

Estão convidados todos os assignantes dos jornais *La Bataglia*, *A Lanterna*, *Il Pungolo*, *La Scure* e *a Terra* livre para uma reunião que se effectuára no dia 22 do corrente, no salão da Sociedade Italiana de Socorros Mutuos (gentilmente cedido), ás 4 horas da tarde, para tratar da constituição de um centro anticlerical.

Este centro terá por fim congrega todos os elementos liberais de Jardinopolis, procurando que as victorias passadas sirvam de estímulo para novas lutas a sustentação contra o perigo negro.

Dessejando fazer importantes commoções e delinear bem os fins do centro, contamos com a presença de todos as pessoas animadas de sentimentos liberais.

Pelo Comité — TACCHI, SUPRANI, TAVARES, ZUCCHI.

## Por ser verdade

Inuitar é uma coisa e igualar é outra. Não ha «munião que possa mesmo remotamente igualar a Emulação de Scott. Vejamos, leitores, o que diz o distincto medico dr. Manuel Pereira da Silva Continentino, do Hospital de S. João Baptista, do Nithery, Estado do Rio de Janeiro, sobre a efficacia deste preparado.

«Atteste que tenho empregado com grande proveito, quer na minha clinica civil, quer na nasococial a Emulação de Scott, nas molestias de funto distrophico e nas do aparelho retractor. E por ser verdade passo o presente e o affirmo em té de meu grão. — Dr. Manuel Pereira da Silva Continentino.

## "A LANTERNA" NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos: Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166.

CARÉ CRITERIUM, largo do Rocio; Na rua Visconde de Sapucahy; Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraves); THEATRO S. PAULO, á grãa Tiradentes; Rua do Otaviano, á grãa do sr. Tereza Lauria.

## EXPEDIENTE

A todos os amigos e correligionarios que enviam cartas, dinheiro, vales, e todo quanto concerne á administração, pedimos o favor de endereçarem a correspondencia a LANTERNA a RUA VAREZ.

O endereo é: LARGO DA SE', 5 (sobrado).

Aos nossos assignantes e leitores rogamos o favor de fazerem as encomendas aos nossos assignantes, citarem *A Lanterna* como o jornal onde encontram a redacção.

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, não é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar a *A Lanterna*, na secção *Bilhetes e pinchos*, a resposta que sem inconveniente saia de cada por ali.

Apesar da praxe jornalística, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados não são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão ás ideias por elles expressas.

Segundo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, com uma investigação sincera da verdade e como um eco ás aspirações do nosso tempo.

## O Celibato

Este livro, cujo preço marcado é de \$3000, está á venda em nossa redacção ao preço de \$2000, sendo o offerecido como premio gratuito a todos os nossos assignantes annuaes que o escolherem, pagando a sua assignatura directamente á esta administração, sem nenhuma despesa de cobrança ou deducção de gastos de remessa.

## Bilhetes postaes

Temos á disposição dos leitores novos bilhetes postaes illustrados anti-clericas, oito desenhos differentes, edição do nosso collega *O Livre Pensador*, aos seguintes preços:

Duzia. . . . . 1\$000

Um exemplar. . . . . 100

## Numeros atrasados

De novo lembramos aos amigos, que se interessam pela propagação das nossas ideias e d' *A Lanterna*, que temos á sua disposição, grati, certa quantidade de numeros atrasados — que podem servir para distribuição gratuita em dias de festa, reuniões, ajuntamentos, comícios, na semana santa, ou mesmo em dias normaes.

Quando desajar receber pacotes de propaganda, escreva nos um simples postal.

## Viagem de cobrança

O sr. Amibal Pace está percorrendo a linha Paulista. Aos nossos assignantes e a todos os nossos correligionarios, residentes nessa linha pedimos boa vontade em auxiliarem a tarefa do nosso companheiro, que não poderá demorar-se muito, naturalmente, em cada localidade.

A existencia deste longo de ideias, depende dum pequeno esforço de seu favor por parte de cada um dos seus leitores e dos que o consideram vital.

## Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarega-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

## Les Temps Nouveaux

Revista quincenal sociologica, com um supplemento mensal em allegria.

Assignatura annual: \$5000.

## La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé.

Assignatura annual: \$5000.

## A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa.

Assignatura annual: \$2000.

## A Vida

Ilheodondario operario. — Porto.

Assignatura annual: \$5000.

## Internacia Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris.

Assignatura annual: \$2500.

## A venda nesta redacção:

## O Clarão

Publicação eventual racionalista — Porto. Cada exemplar: 100 reis.

## Les Hommes du Jour

Interessantissima publicação illustrada semanal de biographias e critica social, litteraria e artistica.

Collaboradores artisticos: A. Delannoy, M. Robin, Hernandez, etc.

Redactor em chefe: Victor Méric.

Assignatura annual: \$6000.

## BIBLIOTHECA "D'A LANTERNA"

## EM PORTUGUEZ

Eliseu Rectus, *Evolução e Revolução*. . . . . 1\$500

Gorki, *Os amassadores*. . . . . \$200

Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*. . . . . \$200

Nieuwenhuis, *A mulher e o Militarismo*. . . . . \$100

J. Most, *A Peste religiosa*. . . . . \$100

Motta Assumpção, *O Infanticidio, drama*. . . . . \$300

## EM HESPAÑOL

M. Rey, *Donde está Dios?* . . . . . \$100

R. Chaughi, *Inmortalidad del Matrimonio*. . . . . \$100

La Mujer Esclava. . . . . \$100

J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*. . . . . \$100

Frank Sutor, *Generación consciente*. . . . . \$400

M. Devaldás, *Mathusianismo y Neo-Mathusianismo*. . . . . \$100

Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad e Independencia*. . . . . \$100

A. Pellicer Paraire, *El individuo y la massa*. . . . . \$100

C. S. Darrow, *Crimes y Criminales*. . . . . \$100

S. Faure, *El Problema de la Población*. . . . . \$100

L. Bulfi, *Huelga de Viçeres*. . . . . \$100

A. Hamon, *Compendio de la Historia del Socialismo*. . . . . \$200

P. Robin, *La Mujer Publica*. . . . . \$100

J. Grave, *Tierra libre (fantasia)*. . . . . \$2500

## Aos amigos

O melhor meio de auxiliar a Lanterna é assignar e arranjar-lhe assignantes. A assignatura é 6 reis cara; mas é um curso de amigo.

## Professor

Um engenheiro, com longa pratica de ensino, prepara alumnos para as Escolas de Commercio, Normal, Polytechnica e «MacKenzie College» e dá aulas practicas e theoricas de ingler, cobrando poucas retribuições por materia, mensalmente. — Rua Barão de Iguaçu, 128.

## Horario das aulas accoradas

das 5 ás 6 h. da noite: segunda-feira, portuguez; terça-feira, algarbe; quarta-feira, portuguez; quinta-feira, algarbe; sexta-feira, portuguez; sabado, algarbe; das 6 ás 7: segunda, portuguez; terça, desenho; quarta, portuguez; quinta, desenho; sexta, portuguez; sabado, desenho; das 7 ás 8: segunda, ingler; terça, geometria; quarta, ingler; quinta, geometria; sexta, ingler; sabado, geometria; das 8 ás 9: segunda, ingler; terça, arithmetica; quarta, ingler; quinta, arithmetica; sexta, ingler; sabado, arithmetica; das 9 ás 10: terça, portuguez; sabado, portuguez.

NOTA — Ha também aulas diurnas das materias acima e outras.

## Gruta Criterium

## Gran Restaurant-Bar

O melhor estabelecimento no genero

Ravioli-Talharinas-Macarrão a qualquer hora

Vinhos Barbera e Chianti finissimos

2, Largo do Rosario, 2

(Subterraneo do Palacete Bricola)

## Opilação

Cura-se radicalmente com o

Ankylostomica Philipp's.

Drogaria Bernini, Hospicio, 18-Rio.

## Fabrica de Fumos "Braz"

FUNDADA EM 1887

Escusado é dizer-se que esta é a

única fabrica que vende sem

reserva de prepos. Sem productos

são conhecidos em todo o

Estado

Pereira & Comp.